

JORNAL DE BRASÍLIA

Problemas do Brasil

ANDRÉ GUSTAVO STUMPF

28 SET 1993

O Brasil é um País cheio de problemas. Mas, problemas, quem não os tem? Agora mesmo, os jornais descobrem que o paraíso dos compristas brasileiros, Miami, está se transformando numa cidade extremamente perigosa, a ponto de a prefeitura ter contratado serviços particulares de empresas de segurança para reduzir a criminalidade. Problemas todos os países possuem, em maior ou menor escala.

Os problemas nacionais têm o tamanho e a medida do País. A questão indígena é um bom exemplo da confusão em torno das mazelas nacionais. Nas Américas, somente dois países adotaram como política oficial matar índios. Nos Estados Unidos, na época da conquista do oeste, o general Custer dizia que "índio bom é índio morto". Mataram todos ou quase todos. Restaram umas caricaturas para turista ver. Na Argentina, a fundação de Buenos Aires foi realizada em clima de guerra (a cidade foi fundada cinco vezes) e a Patagônia foi simplesmente tomada dos nativos. Os patagones desapareceram (a designação significa Pé Grande). Eles foram os índios descritos como excepcionalmente altos por Fernão de Magalhães.

No Brasil, ao contrário, a doutrina oficial do marechal Rondon foi morrer se for preciso, matar, nunca. Isso não impediu que os índios tenham sido atacados, feridos ou mortos no conflito com fazendeiros, posseiros ou garimpeiros. Mas, definitivamente, essa não foi a política oficial. Recentemente, anunciou-se um massacre na fronteira. Depois, descobriu-se que não foram setenta os índios mortos. Apenas doze ou treze, entre eles alguns garimpeiros. Mais, o episódio ocorreu em território venezuelano. Autoridades do país vizinho agora enxergam no ocorrido vestígios de

um vago imperialismo brasileiro.

O Brasil apanha de todos os lados. Mas esses episódios mostram que a vontade de denunciar obteve prioridade sobre a vontade de investigar. A questão econômica é outro exemplo patético. Há alguns meses, a economia brasileira dá sinais de recuperação. O País possui reservas na ordem de 25 ou 26 bilhões de dólares. As taxas de juros caíram de maneira espetacular — hoje o juro real anda pela casa de 14 a 15% ao ano, ou 1,2% ao mês —, já assemelhadas às de países de Primeiro Mundo. O Banco Central, recentemente, elevou as taxas para 1,8 ao mês. E os jornais fizeram um escândalo misturando juro real com taxa de inflação. A dívida interna é muito menor do que supunham os pessimistas, na casa de 22 bilhões de dólares. A dívida externa também foi reduzida porque o País pagou juros e parte do principal, além de ter refinanciado o estoque restante por trinta anos. A inflação internacional do dólar, nesse caso, auxiliou o Brasil.

Problemas o Brasil continua tendo. A inflação continua elevada. Os motivos para que essa situação persista é que vão desaparecendo, na medida em que o processo de privatização avança e o tamanho do Estado brasileiro se reduz. Reduzem-se na mesma proporção os gastos compulsórios do Governo. Curiosamente, nada disso é observado ou gera comentários. Ninguém pede que se retorne o clima de ufanismo, mas que se observe que, apesar de toda a lamentação, a economia brasileira vai crescer em 1993 mais do que os louvados exemplos do México, Argentina e Chile.

A taxa ao redor de cinco ou seis por cento de crescimento real do Produto Interno Bruto espantou os observadores. Em verdade, os

observadores andam observando muito pouco a realidade brasileira, que vai se modificando à revelia do Governo. Os brasileiros aprenderam a se defender da pajelança dos economistas, a ponto de o Estado ter arrecadado menos quando o IPMF estava em pleno vigor. O professor Delfim Netto, com a autoridade de crítico do Governo, citando dados de consultores norte-americanos, chegou à conclusão de que o Brasil foi a economia que mais cresceu nesse século no Ocidente. Computados os dados do mundo inteiro, ficou em segundo lugar. Perdeu apenas para o Japão.

Isso não significa que o Brasil esteja em algum lugar especial. Significa apenas que o País tem vontade, garra e um amplo espaço para crescer. Não se esgotou a marcha para o oeste, a conquista de novas áreas agricultáveis, nem a indústria estacionou. Ao contrário, apesar dos choques, das invencionices de gabinete, o País cresceu e continua a demonstrar sua viabilidade. Não enxerga quem não quer.

A dívida social, que é, essencialmente, uma questão política, essa sim, continua sem solução. É necessário que a coragem cívica de um Betinho venha sacudir os brios nacionais. É curioso que hoje o Brasil dispõe, além dos eternos recursos naturais e da capacidade de realizar de seu povo, de recursos, em dólares, capazes de modificar o perfil da questão social. Nesse aspecto, a crise é real. Crise de iniciativa, crise da falta de um diagnóstico correto, crise de excesso de demagogia. No entanto, apesar de tudo fartamente demonstrado, os políticos e os observadores continuam a ruminar a falta de soluções, ao invés de discutir a construção de um futuro melhor e mais equânime.

■ André Gustavo Stumpf é jornalista